

volume

29/1

jan/2024

ICH - UFPel



# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Quilombos: Territorialidades, Festejos e Gênero

*Esta é a primeira de um ciclo de primeiras de especialidades em doces especialidades em doces para casamentos, baptipara casamentos, baptisados e banquetes. É usado e banquetes. É a única depositaria da ufupnica depositaria da ufupnica Guarana Espumante da Guarana Espumante e do excelente chovero e do excelente chovero. Lacta, fabricados em Lacta, fabricados em S. Paulo pelos Srs. Z&S. Paulo pelos Srs. Z&S. nolla Leocádio & C. nolla Leocádio & C. A. Contador Brasil. A. Contador Brasil.*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/1 p.1-284 jan. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Rosane Maria dos Santos Brandão

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:* Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:* Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:* Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:* Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:* Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação  
Histórica – Prof<sup>a</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Janete Espig  
Prof. Dr. Jornas Vargas  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alexandrine de La Taille-Tréville U.,  
Universidad de los Andes, Santiago, Chile  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)  
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)  
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)  
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de  
Uberlândia)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Karina Ines Ramacciotti,  
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de  
Évora)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do  
Minho)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de  
La Pampa – AR)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto  
Hurtado – Chile)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Claudia Daiane Garcia Molet (UFPEL) |  
Natália Garcia Pinto (UFPEL)

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Quadro fotográfico composto por meninos,  
algumas mulheres, homens negros. Veem-se cavalos, casa de  
madeira com telhas francesas e galpão de mesmo material. Lê-  
se no verso: “Reforma Agrária. Negros Teixeira”. Campo dos  
Teixeiras. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo  
Particular Campo dos Teixeiras. FCT11

*Pareceristas ad hoc:* Álvaro Barreto | André Fagundes | André  
Lopes | Benedita Celeste Pinto | Bruno Martins | Caroline  
Braga Maciel | Cassiane Paixão | Cesar da Costa | Daniela  
Carvalho | Deise Cristina Schell | Iamara Viana | Jonas  
Vargas | Josimeire Alves | Lidiane Friderichs | Lua Gill da  
Cruz | Lucimar Felisberto dos Santos | Maciel Carneiro |  
Manuel Alves de Sousa Júnior | Márcio Sônego | Mariane  
Balén | Paulo Cadena | Paulo Moreira | Paulo Roberto  
Rodrigues Soares | Paulo Sérgio Silva | Petrônio Domingues  
| Raquel Dias | Rosane Rubert | Sidney Daniel | Sidney  
Gonçalves Vieira | Ynaê Lopes dos Santos

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2024/1

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online Computer  
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso  
| International Standard Serial Number | Worldcat |  
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770  
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>  
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Quilombos: Territorialidades, festejos e gênero) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.1, jan. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 – 284 p. ; 7,01 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Quilombos 3. Gênero

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> PRESENTATION <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Natália Garcia Pinto</i>	<b>08</b>
<b>HISTÓRIA EM REVISTA: UM BREVE HISTÓRICO E ALGUNS NÚMEROS</b> HISTORY IN REVIEW: A BRIEF HISTORY AND SOME NUMBERS <i>Lorena Almeida Gill   Paulo Koschier</i>	<b>12</b>
<b>“SOU FRUTO LONGÍNQUO DA RAIZ LUIZA”: FAMÍLIA E TERRITORIALIDADES NEGRAS A PARTIR DO QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES</b> “I AM FAR DESCENDING OF ROOT LUIZA”: FAMILY AND BLACK TERRITORIALITIES FROM THE QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES <i>Vanessa Flores dos Santos   Franciele Rocha de Oliveira</i>	<b>17</b>
<b>QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES E LINHA FÃO: O ESTAR NO MUNDO DE UM TERRITÓRIO NEGRO NO PLANALTO DO RIO GRANDE DO SUL (DO SÉCULO XIX AO TEMPO PRESENTE).</b> QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES AND LINHA FÃO: BEING IN THE WORLD OF A BLACK TERRITORY ON THE RIO GRANDE DO SUL PLATEAU (FROM THE 19 <sup>TH</sup> CENTURY TO THE PRESENT TIME) <i>Maria do Carmo Moreira Aguiar</i>	<b>36</b>
<b>CONTANDO TEMPOS E ARRANJANDO ESPAÇOS: ALGUMAS PROPOSTAS DE PERIODIZAÇÃO DOS MOCAMBOS E QUILOMBOS, SÉCS. XVIII-XXI</b> COUNTING TIMES AND ARRANGING SPACES: SOME PROPOSALS FOR THE PERIODIZATION OF MOCAMBOS AND QUILOMBOS, 19 <sup>TH</sup> CENTURY. XVIII-XXI <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Flávio Gomes</i>	<b>59</b>
<b>QUILOMBOS: ORGANIZAÇÕES SOCIAIS INTERÉTNICAS</b> QUILOMBOS: INTERETHNIC SOCIAL ORGANIZATIONS <i>Jamille Pereira Pimentel dos Santos</i>	<b>77</b>

- “GUARDEI PRA LEMBRANÇA”: MEMÓRIAS DO RITUAL DO ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA DE QUICUMBI DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)**  
 “I KEPT IT AS A MEMORY”: MEMORIES OF THE ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA RITUAL OF QUICUMBI FROM THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)  
*Luciene Mourige Barbosa* **92**
- TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE SOCIOETNOCULTURAL DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E DAS FESTAS, FOLIAS E REZAS**  
 QUILOMBOLA TERRITORY AND TERRITORIALITY: A SOCIO-ETHNOCULTURAL ANALYSIS OF FOOD PRODUCTION AND PARTIES, REVELRY AND PRYERS  
 TERRITORIO Y TERRITORIALIDAD QUILOMBOLA: UM ANÁLISIS SOCIOETNOCULTURAL DE LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS Y FIESTAS, JOLGORIO Y ORACIONES  
*Hélio Rodrigues dos Santos | Ana Tereza Ramos de Jesus Ferreira | Geraldo Eustáquio Moreira* **114**
- FESTA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATIGI (BA)**  
 PARTY AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PRATIGI (BA)  
*Fábio Júnior da Luz Barros* **138**
- TRAJETÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE PARA DUAS MULHERES NEGRAS, MÃE E FILHA DO QUILOMBO MANOEL DO REGO, CANGUÇU/RS**  
 TRAJETÓRIA IN LIFE AND IDENTITY FOR TWO WOMEN BLACK MOTHER AND DAUGHTER OF QUILOMBO MANOEL OF TRENCH CANGUÇU/RS  
*Nara Beatriz Matias Soares | Marcus Vinicius Spolle* **158**
- RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: ANÁLISE DE COMO A ESCOLA ATUA NO PROCESSO IDENTITÁRIO QUILOMBOLA EM HELVÉCIA**  
 RESISTANCE AND IDENTITY: ANALYSIS OF HOW THE SCHOOL WORKS IN THE QUILOMBOLA IDENTITY PROCESS IN HELVÉCIA  
*Julia Silva da Ressurreição | Magno Santos Batista* **177**

**O FÓRUM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL MÉDIO COMO  
INSTRUMENTO DE CONQUISTA DE DIREITOS!**

THE FORUM OF QUILOMBOLA COMMUNITIES OF THE MIDDLE COAST AS AN  
INSTRUMENT FOR GAINING RIGHTS!

*Jorge Amaro de Souza Borges* **188**

**ARTIGOS LIVRES**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE O LITORAL DO PIAUÍ, NICOLAU DE  
REZENDE, RIO PARNAÍBA E A CARTOGRAFIA NACIONAL**

HISTORICAL APPROACHES TO THE COAST OF PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE,  
PARNAÍBA RIVER AND NATIONAL CARTOGRAPHY

*Maria Natielly Soares Campos | Johny Santana de Araújo* **212**

**A ATUAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB) NAS DIFERENTES  
CONJUNTURAS POLÍTICAS ATÉ O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

THE PERFORMANCE OF THE BRAZILIAN COMMUNIST PARTY IN DIFFERENT  
POLITICAL SITUATIONS UNTIL THE CIVIC-MILITARY DICTATORSHIP OF 1964

*Renato da Silva Della Vechia | Alana Huttner Wolter | Igor Venzke Pinheiro* **229**

**DISCUTINDO A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM AULAS DE HISTÓRIA:  
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM O USO DO VÍDEO**

DISCUSSING THE BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP IN HISTORY CLASSES:  
DIDACTIC SEQUENCES USIN VIDEO

*Cláudio Alves Pereira | Daniel Aparecido Ferreira* **248**

**OS COLÉGIOS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
NO SÉCULO XIX**

THE SCHOOLS IN THE PROVINCE OF SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
IN THE 19<sup>TH</sup> CENTURY

*Eduardo Arriada | Chéli Nunes Meira* **265**

# FESTA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATIGI (BA)

## PARTY AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PRATIGI (BA)

*Fábio Júnior da Luz Barros<sup>1</sup>*

---

**Resumo:** o tema do presente artigo é a festa do padroeiro Santo Antônio da comunidade quilombola do Pratigi, localizada no Sul da Bahia. Para desenvolver tal texto, propus como objetivo analisar como a festa de Santo Antônio pode mobilizar relações políticas territoriais na comunidade do Pratigi. Para investigar tais ideias fui a campo, observei, tomei nota em caderno de campo, fiz entrevistas com questionário semiestruturado, além disso, consultei minha dissertação desenvolvida na comunidade citada acima e, entre outras bibliografias, além disso, por eu ser da comunidade tive como base as histórias que a mim foram contadas ao longo do tempo. Sendo assim, a festa na comunidade quilombola do Pratigi, além de ser um momento de prazer, de confraternização, de gozo, também é uma via de fazer política e, desse modo, fortalecer as relações sócio territoriais da comunidade.

**Palavras chave:** Política. Quilombo. Pratigi. Baixo Sul.

**Abstract:** The theme of this article is the historical study of the feast of the patron saint Santo Antônio of the Quilombola community of Pratigi, located in the south of Bahia. To develop such a text, I proposed as an objective to analyze how the feast of Santo Antônio can mobilize political territorial relations in the Pratigi community. To investigate such ideas, I went into the field, observed, took notes in a field notebook, conducted interviews using a semi-structured questionnaire, in addition to that, I consulted my dissertation developed in the aforementioned community and, among other bibliographies, in addition, because I belong to the community, I had based on the stories that have been told to me over time. Therefore, the party in the Quilombola community of Pratigi, in addition to being a moment of pleasure, fraternization, enjoyment, is also a way of doing politics and, in this way, strengthening the socio-territorial relations of the community.

**Keywords:** Politics. Quilombo. Pratigi. Lower South.

---

### Introdução

O presente texto é embasado em minhas experiências de pesquisa em campo na comunidade quilombola do Pratigi, localizada no município de Camamu, Baixo Sul da Bahia, entre os anos de 2019 a 2020, quando fui realizar a pesquisa de campo para a escrita da minha dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estado e Sociedade (PPGES), vinculado à Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Na citada produção, respondi a seguinte questão: o que faz os pratigienses serem o que são e o que os mantém sendo o que são? Cheguei à conclusão, portanto, que foram as relações territoriais que os mantiveram sendo o que são ao longo do tempo.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Estado e Sociedade – PPGES da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Mestre pelo mesmo programa; Especialista em Ensino Fundamental II e Ensino Médio; Bacharel em Geografia pela UESC, Licenciado em Geografia pela UNOPAR. E-mail: [fabiodebarros02@hotmail.com](mailto:fabiodebarros02@hotmail.com). Instituição financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES (bolsista).

Analiso, porém, no presente texto, como a festa de Santo Antônio, padroeiro da comunidade quilombola do Pratigi, mobiliza relações políticas em defesa das terras e do território. A festa do Pratigi, como veremos ao longo do presente artigo, se constitui, segundo a metodologia de Amaral (2017), como sacra-profana. Estas são festas mítico-religiosas de base, envolvendo festejos profanos que ganham relevância na ocasião. Quando surgiu a chamada do dossiê do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeL, intitulado: “quilombo: territorialidades, festejos e gênero”, recorri as minhas anotações de campo (diário de campo), quando estive na comunidade, voltei à minha dissertação, bem como a algumas bibliografias relacionadas para responder a esse objetivo. Pelo fato de ser nativo da comunidade quilombola do Pratigi, além de minha inserção em campo para pesquisar o assunto, recorri também às minhas próprias memórias, construídas por meio de casos e causos que meus pais e meus outros parentes me contaram durante minha infância e adolescência, portanto, a minha pesquisa foi feita, assim como a de Santos (2020), com meus parentes – interlocutores. Pontuar essa relação entre parentes e interlocutores é muito importante, visto que, assim vamos universalizando e prestigiando o conhecimento elaborado pelos pesquisadores e pesquisadoras nativas.

É bom deixar evidente que outros pesquisadores e pesquisadoras (não nativas) podem realizar esse trabalho, mas aqui, reivindico meu lugar de fala como pratigiense e, sobretudo, quilombola. Este lugar de fala não foi dado; pelo contrário, ele foi forçadamente criado para lutar contra as estruturas do capitalismo, colonialismo e do racismo, visto que não existiria a particularidade da identidade na ausência das citadas estruturas, ou seja, não existiria quilombola sem tais estruturas que nos colocam como subalternos, o que quero dizer é o seguinte: eu me autodeclaro quilombola para me defender da violência estruturada pelo colonialismo, racismo e capitalismo<sup>2</sup>, que nos assolam.

Conforme o alcance das memórias dos Barros, segundo minhas pesquisas de campo, a história dessa família “começa” quando eles saem, no final do Séc. XIX<sup>3</sup>, da região onde, hoje, se localiza o município de Gandu (BA), fugindo dos cacauicultores locais que queriam matar todos os quilombolas e ficar com as terras; isso consoante as narrativas dos pratigienses. Nessa época, segundo Barros (2021), a família era constituída dos seguintes membros: Ângelo (Anjo), Faustino, João, Filipe e a matriarca Maria dos Santos. Ao fugirem, eles carregaram uma imagem de Santo Antônio, que pertencia à filha de Maria dos Santos, e um pouco de dinheiro no bolso, proveniente da venda do cacau cultivado no quilombo.

Sabe-se que o Santo era uma herança de família e quem tomava conta dele era uma filha de Maria dos Santos. Durante minha pesquisa de campo, infelizmente, não ouvi relatos no Pratigi sobre o nome dessa mulher ou o que aconteceu com ela, se ela morreu no

---

2 Sobre o assunto ver a entrevista de Carla Akotirene, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aHqBdXRf27A&t=5710s>. Acessado em: 24/07/2023.

3 As datas postas aqui não são provenientes de documentos oficiais. Foram cálculos feitos no momento da pesquisa com os nativos do Pratigi.

ataque ao quilombo de Gandu-BA ou não, mas os pratigienses afirmam que ela não chegou no Pratigi com o resto da família. Através dessa fuga, eles andaram por várias localidades no Sul da Bahia em busca de trabalho e renda para comprar algum pedaço de terra e morar, assim aponta meu trabalho de campo. Essas andanças perduraram até o início do século XX, quando compraram alguns hectares de terra e fundaram o Pratigi.

O Pratigi está localizado, hoje, no município de Camamu, Baixo Sul Bahia (ver figura 1), que segundo o censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, comporta aproximadamente 30.425 habitantes<sup>4</sup>. O Quilombo do Pratigi pode ser acessado tanto por via marítima quanto por meio terrestre. Por via marítima, o percurso de barco da sede municipal de Camamu ao Pratigi, pode durar em torno de 3 horas e, por via terrestre, de automóvel, dura cerca de 30 minutos. A malha viária até próximo à comunidade é toda pavimentada, somente 4 KM são de estrada de chão, em perfeito estado. A comunidade quilombola, *locus* da presente pesquisa, segundo Barros (2021)<sup>5</sup>, tem aproximadamente 48 famílias que possuem laços familiares e, sobretudo, de amizade e compadrio entre si.

O Pratigi foi fundado, ao redor de 1908, após um longo percurso dos Barros na região do Litoral Sul baiano<sup>6</sup>, e um século depois, em 2008, ele foi certificado como Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares, via o decreto 4 887/2003<sup>7</sup>, baseado no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitória (ADCT)<sup>8</sup>, presente na Constituição Federal do Brasil de 1988.

---

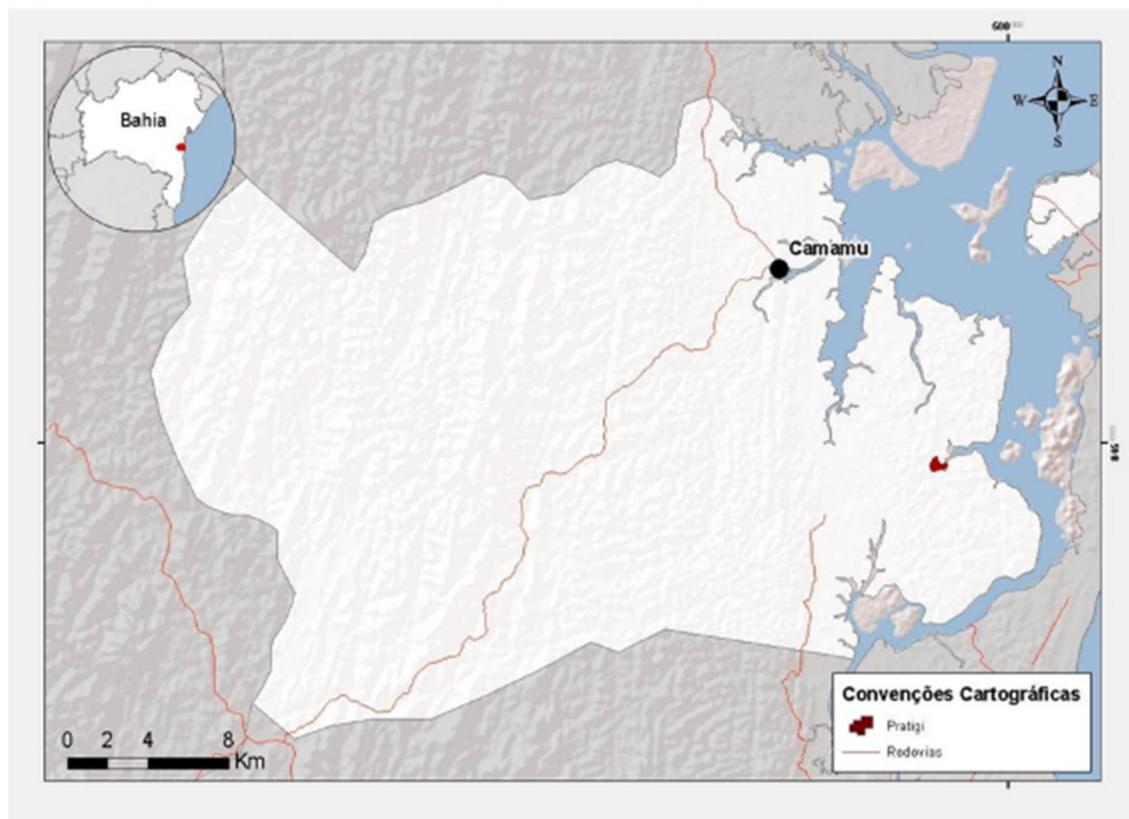
4 Consultar: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/camamu.html>. Acessado em: 06/07/2023.

5 No contexto histórico do quilombo do Pratigi, me baseie em Barros (2020), porque ele foi o único pesquisador, até o momento, a estudar a citada comunidade.

6Esse percurso e todo seu contexto serão discutidos ao longo do presente artigo.

7Ver em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm). Acessado em: 24/07/2023.

8Ver em: <https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988-artigo-68/>. Acessado em: 24/07/2023.

**Figura 1:** mapa de localização da comunidade quilombola do Pratigi (BA).

A compra do Pratigi, em 1908, segundo os pratigienses, se deu através da parceria de duas famílias: os Barros e os Justinos. Contam os Pratigienses que depois de muito andar pelo Sul da Bahia, os Barros juntaram uma certa quantia de dinheiro para comprar as terras do Pratigi, nesse ínterim, eles conheceram a família Justino, com quem teceu, em primeiro ponto, relações de amizade e, depois, essa relação se ampliou para o compadrio e matrimônio; por esse viés, eles elaboraram uma parceria e, juntos, compraram e fundaram o Pratigi. Logo após a chegada nessas novas terras, eles fizeram uma igreja dedicada a Santo Antônio, que se tornou padroeiro local. Nesse momento, os responsáveis por fazer a festa eram: Maria dos Santos, Anjo Barros e a mulher de Anjo Barros, Dona Santa Maltildes.

Quando Maria dos Santos e Anjo Barros morreram, as filhas do casal Anjo Barros e Dona Santa: Valentina, Eugênia, Tidu e Emília ficaram responsáveis e, entre 2019 a 2020, época da presente pesquisa em campo, os responsáveis eram: Maria de Lurdes, Diana e Lia. Essas comissões para tomar conta do Santo são sempre feitas por mulheres da comunidade, fato que fizeram Barros e Carneiro (2020) apontarem que o Santo Antônio é

de fato herança pertencente às mulheres, os mesmos autores apontam que tomar conta do santo se faz um processo muito importante na comunidade porque quem toma conta do santo, conduz certas relações, tanto com a “pequena política” quanto com a “grande política”. A “pequena política”, segundo Bezerra (1999) é aquela política tradicional realizada na comunidade e com as comunidades adjacentes; já a “grande política” é aquela constituída no mundo estatal, a política tida como oficial. Desse modo, as mulheres tecem essas relações, sobretudo, a partir da organização e realização da festa religiosa na comunidade.

Por outro lado, existem as relações políticas feitas pelos homens do quilombo; estes se colocam à disposição e se tornam cabos eleitorais de políticos partidários municipais dentro da comunidade. Para ser cabo na comunidade, tem que ter amizade com algum candidato a prefeito e/ou a vereador e, se declarar quando estiver ocorrendo o processo eleitoral. Se o candidato apoiado por um determinado cabo vence as eleições, geralmente, esse cabo se torna administrador da comunidade, responsável por liberar e abastecer a água da localidade, agilizar a limpeza, a coleta do lixo, reivindicar obra para comunidade e, o mais importante: organizar a festa profana. Uma boa festa traz prestígio para todos: comunidade, cabo eleitoral e políticos. Isso faz do prefeito, com base em Chaves (2003), um bom político, ou seja, aquele que realiza boas festas.

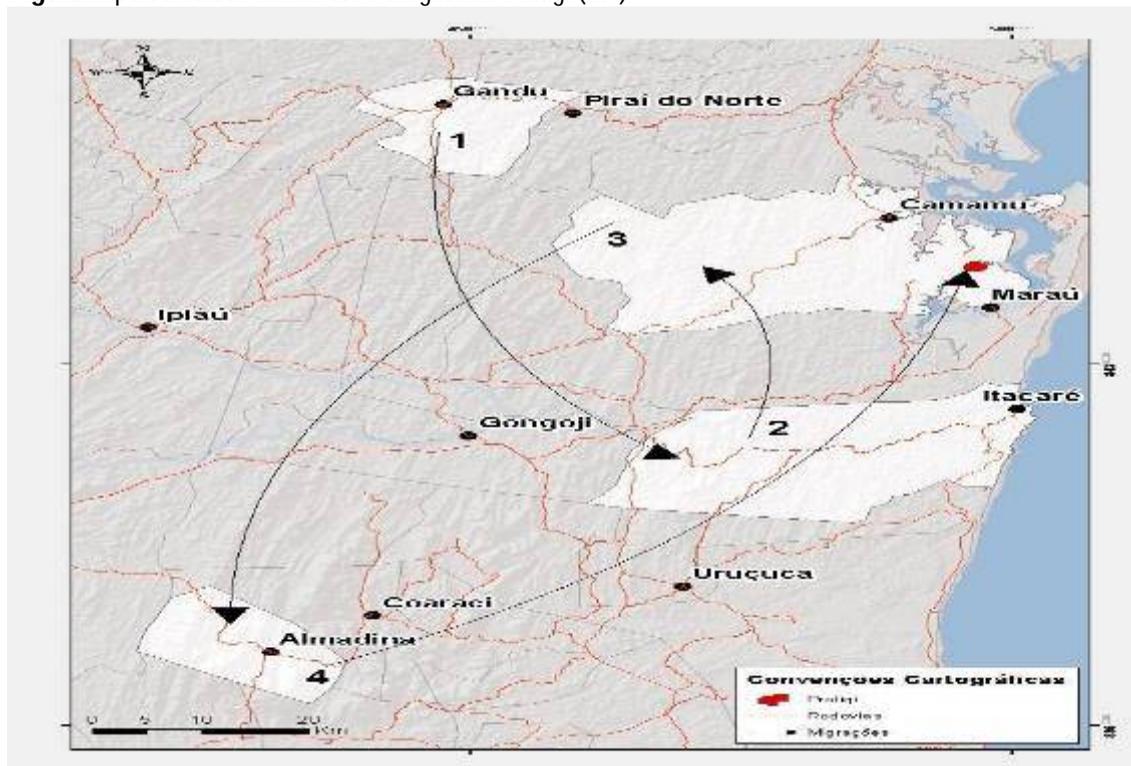
Neste artigo, o fio condutor está relacionado com o seguinte propósito: demonstrar, como a festa do padroeiro local, Santo Antônio, pode proporcionar relações políticas em defesa da terra e do território. Para alcançar o propósito delineado, além de me inserir em campo para observar e analisar de perto meu *lôcus* de pesquisa, eu também planejei um questionário semiestruturado para entrevistas na comunidade. Para esse artigo, além de me ater à minha dissertação, como pontuado acima, eu também revisei meu caderno de campo e as entrevistas com três nativas: Maria José, Maria Barros e Terezinha Barros. Dei relevância, aqui neste artigo, a essas três pessoas porque na comunidade foram as que mais conversaram a respeito do assunto comigo. Além disso, utilizei também as histórias contadas para mim na infância e pré-adolescência sobre as festas no Pratigi e, em seguida, consultei algumas bibliografias como: Alves (2005); Barros (2021); Chaves (2003); Filho, Petrônio e Cardoso (2018); Teixeira (2011), dentre outros, para assim, organizar esse artigo.

Dividi o texto em quatro subseções. A primeira intitulada: “A fuga, a fé e a conquista da terra”, trata desde da fuga dos Barros do quilombo de Gandu-BA, quando eles foram atacados pelos cacauicultores até a fundação do Pratigi. Na segunda seção, de nome: “a promessa a Santo Antônio”, vou mostrar ao leitor como Santo Antônio se tornou padroeiro da comunidade quilombola do Pratigi. Na terceira parte, denominada: “a festa na política e a política na festa”, vou evidenciar como a festa é importante para traçar relações com as políticas e, por último, a seção com título de: “Festa, respeito e coletividade”, aqui mostrarei que a festa, além de ser um momento de descontração e distração, também exerce um papel muito importante na comunidade do Pratigi, visto que, por meio desta, se articula alianças em defesa da terra e do território.

## A fuga, a fé e a conquista da terra<sup>9</sup>

As lembranças que os pratigienses têm sobre os fundadores do Pratigi, como falei na introdução, se delimitam a partir da época em que seus descendentes viviam em um quilombo situado no atual município de Gandu, hoje, parte do Território de Identidade Sul da Bahia<sup>10</sup>, a noroeste de Camamu, cerca de 80 km. Ao saírem de Gandu, os Barros caminham por muitos lugares até conseguirem suas terras (ver na figura 2), a comunidade quilombola do Pratigi.

**Figura 2:** percurso dos Barros até a chegada ao Pratigi (BA).



Fonte: Barros (2021)

No Pratigi, os ancestrais conhecidos pela família Barros são: Anjo, Faustino,

<sup>9</sup> Essa seção está presente em todos os artigos que publicado sobre a comunidade quilombola do Pratigi, porque ele serve para explicar todo o processo histórico, do povoamento do Pratigi, das relações feitas, da festa e escolha do santo padroeiro, portanto não é autoplagio, mas sim, contextualização sócio histórica das relações sócio territoriais dos Barros.

<sup>10</sup> O Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar. Ver em: <http://www.bahia.ter.sdr.ba.gov.br/servicos/territorios-de-identidade>. Acessado em: 06/11/2023.

João, Filipe e a matriarca Maria dos Santos. Essas pessoas, segundo as poucas informações sobre o ocorrido, colhidas por mim na pesquisa de campo no Pratigi, saíram fugidos por volta de 1883<sup>11</sup> após um ataque dos grandes fazendeiros e cacauicultores locais ao citado quilombo. Sobre o ataque, sabe-se, no Pratigi, que os fazendeiros mandaram os jagunços invadir e queimar o quilombo e, em seguida, capturar ou matar os negros que ali viviam a fim de ficarem com as terras já plantadas; eu não consegui, porém, estipular nem o valor nem a quantidade em hectare da lavoura roubada ou quantas pessoas residiam nesse quilombo na época do ataque.

Quando os Barros fugiram, levaram a imagem de Santo Antônio, a qual pertencia à filha de Maria dos Santos e um pouco de dinheiro no bolso, proveniente da venda do cacau cultivado no quilombo. Sabe-se que o Santo era uma herança de família e quem tomava conta dele era a irmã de Anjo Barros, mas, não há relatos no Pratigi sobre o nome ou o que aconteceu com ela. Não descobri na pesquisa se ela morreu ou não no ataque ao quilombo de Gandu-BA ou fugiu, só se sabe, como ouvi em relatos no Pratigi durante meu campo, entre 2019 a 2020, que ela não chegou com a família Barros no Pratigi.

Ao sair de Gandu, eles fixaram uma breve moradia em Itacaré-BA, localizado a 54 km ao Sul da sede municipal de Camamu. A família ficou neste município por um tempo, mas, não se sabe se se abrigaram em algum quilombo na época ou trabalharam em alguma das fazendas existentes na região. Vale ressaltar que na época da fuga de Gandu para Itacaré, a família ainda estava completa: Maria dos Santos e seus quatro filhos: Anjo, Faustino Filipe e João Barros.

Ao saírem de Itacaré, os Barros compraram, com o pouco de dinheiro que trouxeram de Gandu, o primeiro pedaço de terra, que segundo a entrevistada Terezinha Barros, chamava-se “os Barros”. O local estava situado na divisa entre o povoado do Barroso e Varjão, situados, hoje, no município de Camamu - Baixo Sul da Bahia. Maria Barros, neta de Anjo, narra como a família se estabeleceu nesta localidade e como isso os colocou de novo na mira dos grandes fazendeiros de cacau da época<sup>12</sup>:

[...] fizeram um rancho de palha e começaram a trabalhar, roçaram e derrubaram um pedaço de mata e, então, fizeram a primeira roça, plantaram toda de cacau, assim sendo, pegaram a fazer outras roças... só que quem mandava lá era os jagunços e descobriram que tinha três homens que estavam trabalhando e botando roça para plantar cacau dentro do mato. Aí os fazendeiros locais mandaram três jagunços atrás deles pra matar. (MARIA BARROS,2020)<sup>13</sup>.

---

11As datas citadas nesse artigo sobre o Pratigi não são retiradas de dados históricos oficiais, são fruto de conversas com meus parentes-interlocutores baseadas nas histórias que eles ouviram durante a vida deles.

12 Do Início do Século XIX ao final do XX quem “mandava” na região do Sul da Bahia eram os grandes cacauicultores e seus Jagunços. Para entender um pouco desse período ler a obra: AMADO, 2008.

13 As entrevistas neste artigo foram transcritas do campo para a escrita literalmente.

Maria Barros explica que a investida não deu certo, porque “Faustino era um batedor de facão dos bons, ele sempre andava com um pedaço de facão pequeno de uns 30 cm, quem sabia bater facão naquele tempo era jagunço”. *Batedor de facão* quer dizer que a pessoa pratica e maneja o facão como arma, com golpes detalhados, tanto para se defender, como para atacar; a pessoa que sabe essa técnica na região do Pratigi é temida e respeitada. Mas saliento que, segundo uma das entrevistas realizadas em minha pesquisa de mestrado, Faustino nunca foi jagunço. A entrevistada, segundo meu entendimento, estabeleceu uma comparação em que Faustino sabia se defender tão bem com o facão que não devia em nada aos usuários públicos da técnica: os jagunços.

Quanto a esse ataque, provavelmente os jagunços armaram uma tocaia para matar primeiro o que sabia mais a arte de brigar batendo facão, dado que eles esperaram Anjo, Felipe e João Barros irem para roça, assim, somente ficando Faustino e sua mãe em casa, nesse momento os jagunços os atacaram. A participante da pesquisa, Maria Barros, contou-me esse episódio da seguinte forma:

Ele [Faustino] estava sentado na mesa tomando café de costa para a rua, e a Maria do Santo na cozinha, quando ele viu pulou os três assassinos dentro de casa, mas Faustino era jogador de capoeira e batedor de facão. Ele deu um salto, quando ele deu um salto, que ele já acostumado, quando ele deu o salto que pulou do lado de lá ele já pulou com o pedaço do facão na mão, aí enfrentou os três e botou para correr (MARIA BARROS,2008).

Ainda de acordo com Maria Barros, logo após o ocorrido, Faustino falou com Anjo, Felipe e João Barros, e disse: “os caras vieram atacar a gente, o quê que a gente vai fazer? Vamos esperar eles, esperar eles para matar? Anjo Barros disse: – eu quero ter família, hoje nós vamos embora. No que Faustino retrucou: – e a roça? Deixa a roça aí – respondeu Anjo Barros”. Nesse momento, foram para casa, pegaram tudo o que tinham que pegar e foram embora. Quando estavam longe, segundo M<sup>a</sup> Barros, “aí Anjo Barros deu por fé que tinha esquecido a imagem do Santo Antônio, colocou a mão na cabeça e disse: e o Santo Antônio? Os outros disseram: deixa esse Santo lá, vumbora; no que ele respondeu: – só vou com o Santo.” Então foi buscar Santo Antônio, botou dentro de uma capanga, jogou na frente e foi direto para sede camamuense”

Quando eles chegaram em Camamu, não tinham dinheiro suficiente para comprar um terreno, no entanto, gostaram de uma área chamada Pratigi dos Cubículos. Neste momento, Felipe e João Barros foram para outros locais. Felipe Barros foi para o município de Valença, no Baixo Sul da Bahia, distante cerca de 110 km do quilombo do Pratigi, via BA 001 a Norte de Camamu, onde ajudou a fundar uma comunidade chamada Tucum. Já João Barros ajudou a fundar o Jenipapo – comunidade, que está inserida no município de Camamu – BA, a aproximadamente duas horas de barco saindo da sede camamuense via rio da Matapera. Saliento que esses irmãos sempre mantiveram contato por toda vida.

Na ocasião da chegada em Camamu, Maria dos Santos, Anjo e Faustino Barros, com o desejo de comprar as terras do Pratigi dos Cubículos, foram trabalhar em uma fazenda de cacau próxima a Ilhéus-BA, em um município chamado Almada, já no Sul da Bahia. Lá, eles trabalharam duro e, desse modo, juntaram 30 mil réis e quando retornaram a Camamu foram falar com o fazendeiro que os expulsou do Varjão. Terezinha Barros (2020), neta de Anjo Barros, atestou esse ocorrido dizendo que “[...] parece que ainda deram uma mixaria a eles por esse pedacinho de terra”. O fazendeiro, segundo a entrevistada, deu um pouco de dinheiro a eles bem após ter tentado assassiná-los, ficando com as terras e com as árvores de cacau já produzindo.

Com o dinheiro que conseguiram trabalhando no município de Almada e com a quantia de dinheiro que o fazendeiro deu aos Barros, Anjo Barros foi sondar o lugar que eles queriam muito – o Pratigi dos Cubículos. Então, primeiro ele foi para Barcelos do Sul, Distrito municipal, situado a uns 10 KM da atual sede pratigiense. Barcelos era um lugar relativamente grande e o mais povoado da região, visto que na época já contava com igrejas, delegacia, porto, mercearias, bares e, entre outros estabelecimentos. Maria José (2020) descreve o Distrito dizendo que “a terra de Barcelos de primeiro só era indígena”. Mas, ela afirma que hoje já está misturado. Barcelos, segundo Maria José, “era uma mata, mas já existia um bocado de coisas: igreja católica e tudo”.

Atualmente, Barcelos conta com cerca de dois mil habitantes na sede, a estrada que liga à sede municipal ao povoado é pavimentada, conta com um posto de saúde, três escolas, uma creche, um posto dos correios, dois portos, igrejas tanto católicas quanto evangélicas e muitos comércios.

A associação com a família Justino foi essencial para a compra das terras pratigienses, pois, além da família dos Justinos ser composta de pessoas nativas da região, elas também estavam à procura de um pedaço de terra viável para praticar a agricultura; com acesso ao mar para pescar e mariscar, ou seja, essa família de mestiços, descendentes de brancos com indígenas, como também, nativos da região, facilitaram social e economicamente a aquisição das terras do Pratigi, no início do século XX, quando era difícil o negro adquirir terras, ainda que compradas, pois a burocracia do estado brasileiro obstaculizava tal ação.

### **A promessa a Santo Antônio**

Conforme relatos que escutei, a primeira festa no povoado do Pratigi está relacionada ao Santo Antônio devido à compra e fundação do povoado. Com a chegada nessas terras, os Barros e os Justinos cuidaram logo em levantar uma capela dedicada ao santo, fazendo em seguida uma grande comemoração. A festa dedicada ao padroeiro local ocorreu no dia treze de junho. Alguns moradores relatam que foi para comemorar o a data católica, outros dizem que se deve à compra das terras; ambos os palpites estão corretos; como se sabe, pode acontecer um “trato entre os santos e os fiéis [...]” (CAVALCANTE; COSTA, 2019, p.91) e ao que me parece, foi o que ocorreu entre Santo Antônio e os Barros.

No entanto, no Pratigi, há quem diga que a festa de Santo Antônio tem a ver com uma promessa feita por Anjo Barros numa sessão de candomblé, momento no qual prometeu que, se comprasse as terras do Pratigi, faria festa todos os anos em comemoração a Santo Antônio, que no sincretismo baiano é o Orixá Ogum.

A entrevistada Maria José relata que “então ele prometeu nessa sessão espírita de candomblé (ele frequentava fora do Pratigi), mas, ele prometeu que se ele comprasse [o Pratigi] ele iria fazer uma capela para festejar Antônio todo ano”. A constituição dessa festa, prova que:

a relação entre fiéis e Santos de devoção baseia-se na dinâmica de trocas, reais e simbólicas, firmada pelo compromisso estabelecido entre ambos de pedir, ser atendido e agradecer pela benção recebida; o devoto faz um pedido, promete realizar algo para obter o que pediu, alcança a graça desejada e cumpre a promessa (RODRIGUES; HEINEN, 2019, p.195)

Em um artigo, intitulado: Promessa, consideração e trato nas festas de folia em Uruçuia-MG, Pereira (2011) descreve como ocorre o processo da promessa nessa localidade e como essa se associa às considerações, aos tratos, perpassando assim por toda a comunidade e sendo entendidas como categorias operacionais, representando ideias, qualificando e orientando ações, etc. A partir dessas ideias, o mesmo autor diz que essas promessas surgem como “ferramenta conceitual responsável por garantir o compromisso com as festividades. [...] Centrada no valor familiar” (2011, p.100), ou seja, o Santo padroeiro torna-se peça central das relações que ocorrem no território.

No caso do Pratigi, a promessa feita pelos Barros seria cuidar do Santo Antônio, torná-lo padroeiro local e fazer a festa todos os anos em sua homenagem. Em contrapartida, o Santo tomaria conta das terras e dos Barros. Visto que “a promessa é cumprida como forma de agradecimento pela graça alcançada e para que o relacionamento entre os dois mantenha-se inabalável” (RODRIGUES; HEINEN, 2019, p. 195). No caso do Pratigi, conforme minha pesquisa de campo, se o Santo Antônio auxiliou os Barros na aquisição da terra, na ausência do cumprimento das promessas – o fazer a festa e deixar de cuidar dele, como foi prometido por Anjo Barros, Maria dos Santos e Faustino, o Santo pode e tem o direito de retirar os Barros dessas terras como forma de punição.

Desse modo, tudo indica que a promessa feita pelos Barros, no passado, para com o Santo diz respeito à garantia e à aquisição das terras para viver. Além disso, essas promessas possibilitam manter a coletividade e as relações sociais inter e intracomunitárias constituídas e firmadas através da festa.

### **A festa na política e a política na festa**

A festa do Pratigi é dedicada ao padroeiro Santo Antônio e ocorre do dia 1º ao 13.º do mês de junho, contando do início das trezenas até a missa. Vale ressaltar que a

festividade dedicada ao padroeiro do Pratigi compõe tanto a festa religiosa quanto a profana, isto é, as duas comemorações são dedicadas ao Santo, havendo desse modo, como é de se esperar do catolicismo popular, as manifestações locais (profano) e a missa (religioso), às vezes, as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo. Isso, segundo Corrêa (2011) se faz por conta da relação existente entre a Igreja Católica e as manifestações populares locais. Constituindo, desse modo, o catolicismo popular.

A festa profana do Pratigi é financiada pela Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia (Bahiatursa) via prefeitura de Camamu-Bahia. Por outro lado, a festa religiosa, o financiamento é todo feito pela comunidade, vindo principalmente do dinheiro arrecadado através das vendas de doces, mingaus, mugunzás, beijus, salgadinhos, etc., como também das doações individuais, tanto do Centro do Pratigi, como dos núcleos territoriais que o compõe, hoje, o território geográfico do Pratigi possui: Cajazeira, Quigeme e parte do Cobico.

A festa no quilombo do Pratigi está intrinsecamente ligada à cultura local e a política comunitária, estas se expressam, na vivência social dos indivíduos que, nos dias determinados da festa, se afastam das suas experiências diárias e vivem de maneira excepcional as festas religiosas e profanas, eventos ritualizados em homenagem ao padroeiro Santo Antônio e, assim “permite-se uma intensa gama de informalidade festiva, de confraternização e solidariedade” (ALVES, 2005, p.315). Essas festividades fortalecem os laços matrimônios entre famílias, a amizade e as trocas de produtos, de sementes e de sêmen [um animal cobrir o do vizinho, amigo ou compadre], às vezes, essas trocas são acertadas em conversas e reencontros na festa. Durante minha ida a campo, um nativo me contou que hoje tem um jegue (asno) bom, porque o animal do vizinho cobriu o animal de outro amigo seu e, em seguida, ele comprou a esse vizinho um filhote dos citados animais. Tudo isso, ele me falou que foi acertado no botequim de Manoel, no dia da festa, bebendo cerveja.

É importante deixar nítido que nos dias de festas também ocorrem as negociações comunitárias e, assim, as festas do Pratigi se transformam, como descreve Alves (2005), em um sistema de intercâmbio, ou seja, “[...] a festa se desenrola no que denominamos de um sistema de intercâmbio de pessoas, interesses e manifestações simbólicas marcadas pelas trocas e um amplo sentimento de complementaridade e reciprocidade” (ALVES, 2005, p.316). Além da festa ser um momento de diversão e relaxamento da vida de trabalho duro na roça, isto posto, mesmo a festa religiosa:

Mantendo as linhas estruturais básicas em sua realização, tais eventos, ainda que considerados em suas origens portuguesas, passam, em sua versão impregnada de um catolicismo popular, pelos esquemas culturais e pelo sistema de significados e significações que lhes são próprios: o mito de origem, a comensalidade, a patronagem do Santo (o sistema de santos padroeiros e/ ou de devoção), o que é efetivamente festejado etc. (ALVES, 2005, p.316)

O ápice da festa é a missa seguida da procissão, mas paralelo a estas atividades, em outras partes do povoado, há pessoas nos bares “comendo água”. Comer água é consumir bebida alcoólica, na expressão popular baiana. Nesse ínterim, outros estão participando de jogo de futebol, dominó, baralho e, muitas vezes, apostado, outros comendo e bebendo na casa de compadres e amigos e, mesmo assim, às vezes, essas pessoas comparecem à igreja durante a missa sem nenhuma discriminação, só há constrangimento se o cidadão fizer muvuca, brigar durante a missa; seja embriagado ou não; do contrário, não há impedimentos sociais por parte dos nativos e leigos, que estão auxiliando o padre a celebrar a missa, em ter presentes na igreja pessoas que consumiram álcool durante a festa.

Além disso, durante a festividade, no dia treze, às vezes, ocorrem alguns eventos como samba de roda e pau de sebo, tudo isso, a partir do meio-dia, após a missa; esse fato também aumenta o consumo de bebida alcoólica drasticamente, isto é, o “come água” aumenta no povoado. São essas simbioses de fatores que compõem o catolicismo popular pratigiense, fatos que começam bem antes da festa, por exemplo: as comidas feitas para dar aos amigos em casa ou mandar para os bares – visto que no Pratigi não tem lugar específico para oferecer comida nas festividades, então, os amigos, compadres e conhecidos vão comendo conforme fazem as visitas – segundo Carneiro (2015), é uma forma de sociabilidade e fortalecimentos das alianças pessoais e comunitárias. Portanto, ponto central para manter e fazer certas relações, como a de amizade, de compadrio, com os políticos partidários, entre outras.

Outro fato importante que ocorre nessa festa são as celebrações das trezenas feitas por mulheres leigas do Pratigi. A ornamentação da comunidade para o festejo de Santo Antônio compõe o catolicismo popular, visto que são os “arranjos culturais e conjuntos de significados e significações que lhes são próprios, tais como: a patronagem do (a) Santo (a), o mito de origem, a comensalidade, a estrutura particular de caráter popular dos festejos, entre outros” (RODRIGUES e HEINEN, 2019, p.175). Tudo isso está presente na festa religiosa do Pratigi, ou seja, é evidente a mistura entre a festa religiosa e a festa profana, mesclada pela cultura popular local, dando vida, assim, ao catolicismo popular pratigiense que compõe e dá significado ao território do Pratigi.

Na festa do Pratigi a imagem principal que sai em procissão no andor é a de Santo Antônio, porém, foi inserida um andor com a imagem de Nossa Senhora no início da década de 2000 para as mulheres carregarem, enquanto os homens carregam o de Santo Antônio (ver foto 1).

**Foto 1:** Os andores de N<sup>a</sup> Senhora e Santo Antônio.



**Fonte:** Barros (2021)

Observamos na imagem os homens à frente com o Santo Antônio e as mulheres atrás carregando a imagem de Nossa Senhora. Vale dizer que Nossa Senhora só sai em procissão no dia da missa; nas trezenas, as mulheres carregam Santo Antônio normalmente junto com os homens. Penso que tal decisão em colocar a imagem de Nossa Senhora em outro andor serve para contemplar todos os envolvidos nesse ato religioso. A imagem de Nossa Senhora saindo em cortejo no andor pretende, sobretudo, incluir as mulheres que cuidam da igreja no ato festivo. Outro fato importante é que Santo Antônio que sai nas procissões, tanto nas trezenas como na missa, é uma réplica da imagem original para não sofrer danos. A original fica na igreja (ver na foto 2).

**Foto 2:** À esquerda Santo Antônio original; à direita a réplica

Os atores sociais que participam dessa procissão, geralmente, são pescadores e aposentados do Pratigi e das localidades próximas, principalmente de Tapuia; da Matapera; da Pedra Rasa; do distrito de Barcelos do Sul e, raramente, de Cajaíba do Sul. Essas pessoas comumente são mais velhas e têm amizades antigas ou são compadres do povo do Pratigi. Há também a presença, quase sempre, do prefeito e do vereador local, geralmente do Distrito de Barcelos do Sul, e também de pequenos empresários: comerciantes locais e donos de embarcações nos festejos religiosos no Pratigi.

Vemos aqui nesse ponto, que não só a festa profana é um fato político, mas também a religiosa, então devemos tomar as festas como, “fato etnográfico notório em sua inesperada associação com a política, como a tela na qual é possível ler a formulação nativa a respeito da política” (CHAVES, 2003, p. 20). Assim colocado, há relações entre a festa e a política no povoado do Pratigi. Então, “a festa constitui o fato político relevante para a população local e nele é possível reconhecer a política como evento coletivo. A festa possui esta qualidade de espelho analítico apenas porque nela se representa, discorre e vive a política” (CHAVES, 2003, p. 20). A política está intrínseca à festa do Pratigi, visto que existem uma variedade de atores sociais frequentando esse espaço: são políticos partidários, chefes de famílias, presidentes de associações, pessoas que cuidam de outras igrejas, padres, etc., ou seja, nesse ínterim são realizados almoços, jantares e, via esses encontros, ocorrem conversas.

Usando a minha vivência como exemplo a respeito da festa e as relações ocorridas no território do Pratigi, quando meu pai era vivo, lembro-me que ele sempre recebia vários amigos durante a festa, como também, os prefeitos e candidatos a prefeito, e lá, durante os comes e bebes, ele pedia coisas para si e para a comunidade; essa relação, penso eu, se repete em quase todas as casas do quilombo do Pratigi, tornando, desse modo, a festa uma categoria política em análise.<sup>14</sup>

A maioria das pessoas da região frequenta a festa do Pratigi, isto faz da festividade um ótimo lugar para os políticos partidários poderem se promover localmente, como também os nativos da família Barros conversar, solicitar e fazer relações com os políticos partidários. Além disso, ocorre também as políticas intracomunitárias a partir do fazer festa, ou seja, tem pessoas da família Barros que percebem na política partidária um meio de ascender politicamente dentro do Pratigi e, isso, às vezes, é alcançado por via de apoio de políticos no povoado, tornando-se assim, em primeiro estágio, cabo eleitoral e, conseqüentemente, organizando a festa profana do Pratigi.

Permito-me dizer que estas estratégias são práticas similares exercidas tanto pelos homens como pelas mulheres, com o intuito de ter e ganhar prestígio na comunidade, em outras palavras, fazer parte da política local, ser conhecido localmente e, principalmente, na sede camamuense. A diferença estratégica é que os homens fazem isso diretamente com a política partidária, logo, tem o nome amplamente divulgado; enquanto as mulheres conduzem esta política de dentro da Igreja, lugar mais reservado e não muito divulgado publicamente. Mas deixo evidente, que os pratigienses fazem festa porque gostam e é um momento de prazer e diversão, mas via essas festas eles também traçam relações políticas.

No Pratigi, são dois os fatores que distanciam as mulheres da política partidária com relação aos homens, primeiro: as mulheres não se fazem cabos eleitorais; segundo, elas não conversam sobre política partidária abertamente, mas falam, como ressaltam Heredia e Palmeira (2010), sob certas circunstâncias e de certos locais. Isto posto, a festa de Santo Antônio se faz um acontecimento relevante no povoado, para que assim, as mulheres possam falar com os políticos em particular, via suas casas e igrejas.

Os políticos partidários sempre se fazem presentes na festa, sobretudo, no momento religioso, como posto acima, isso, segundo Barros (2021), facilita as conversas ao “pé do ouvido” das coordenadoras da igreja e vice-versa, assim como com a maioria da população presente na festa. Essas conversas, apelidadas de “ao pé do ouvido”, são geralmente voltadas para interesses políticos; isso prova que a festa religiosa e suas coordenadoras fazem parte ativamente da política local, mesmo não ocupando posto direto na política partidária camamuense, assim como os homens ocupam o espaço de cabo eleitoral.

---

14 Esse episódio da forma que narrei talvez somente ocorria na casa do meu pai. Porque essas conversas são subjetivas.

## Festa, respeito e coletividade

Durante o evento sacro-profano, acontecem oferendas em dinheiro para o Santo; bênçãos em cruz, terço, etc. Antes, havia apresentações públicas que já faziam parte do evento, como: leilões de objetos, de animais, de roças, etc., tudo para auxiliar na festa de Santo Antônio, isto ocorreu, no entanto, entre os anos de 1908 – 1980, hoje não existem mais tais eventos; após a missa, porém, permanecem as danças como o samba de roda [praticado fora da igreja] e danças apresentadas na igreja pelas garotas da sede da comunidade; ou seja, a festa é realmente feita visando a promover a diversão entre os nativos, por isso, a festa, tanto religiosa como profana, é entrecortada por danças e divertimento.

O samba de roda é realizado fora das dependências da Igreja, ressaltando que as apresentações são feitas pelas mulheres do Pratigi, juntamente com as de Tapuia e Perda Rasa; ou seja, “a festa, no que respeita à identificação de uma comunidade, desempenha um imprescindível papel simbólico mediador” (TEIXEIRA, 2011, p. 21), essas festas são eventos profundamente significativos e que se constituem em um dos elementos centrais na construção dos vínculos. As atuais alianças envolvendo as comunidades de Pratigi, Barcelos, Cajaíba e, sobretudo, Pedra Rasa e Tapuia:

Revelam ampla rede de cooperação, de solidariedade e de reciprocidade, fundadas no parentesco, bem como nas trocas materiais e simbólicas existentes entre as famílias que formam a comunidade por meio dessas relações, elas reforçam o processo político de luta [...] Tais relações reforçam as situações de cooperação, esmaecendo os conflitos inerentes às várias sociabilidades que permeiam a interação destes grupos (FILHO, PETRÔNIO e CARDOSO, 2018, p. 112)

Essa relação e esse respeito se dão no contexto intracomunitário entre os nativos e, sobretudo, intercomunitário, como coloca os autores acima. Tudo isso à base das relações de amizade, de matrimônio e de compadrio entre os povoados, isso forma uma relação simbólica de solidariedade entre os iguais, reverberando na defesa e firmação do território, ou seja, cria-se um sentimento de território uno e, esses gestos revelam também a história: “da construção de cada comunidade como uma unidade política, simbólica e territorial” (FILHO, PETRÔNIO e CARDOSO, 2018, p.119). O sentimento mútuo entre as comunidades faz perceber unidade política, simbólica e territorial em cada uma. Ou seja, essas comunidades são “representadas por cada imagem de santo e, ao mesmo tempo, um sentimento de aliança, que envolve as comunidades enlaçadas por aquele gesto, representado pela reunião das imagens dos santos no altar” (FILHO, PETRÔNIO e CARDOSO, 2018, p.120). O Santo constitui uma simbologia muito forte para união desses povos e desses territórios.

A apresentação do samba de roda que ocorre após a missa é um exemplo de solidariedade, visto que as mulheres do Pratigi e das comunidades adjacentes se juntam no bar de Manoel, situado no centro da comunidade, e começam as apresentações que demoram mais ou menos uma hora. Todas essas mulheres dançam com roupas coloridas e vestidos

rodados. As coreografias realizadas se constituem numa roda, onde há vários movimentos corporais e, após a primeira a se apresentar com seus movimentos particulares, a segunda entra na roda e inicia os seus passos, após a primeira sair. Depois dessa apresentação, elas vão beber e comer com os amigos e amigas de várias comunidades diferentes; esse samba, quem promove, geralmente, são moradores do Pratigi que moram fora ou as mulheres da comunidade quilombola vizinha, Tapuia. Essas brincadeiras são feitas alguns anos e outros não.

A festa do Pratigi se faz um evento de atração local e regional, mas não encontrei nenhum jornal ou *blog* local falando a respeito, embora essa aconteça há mais de um século no município camamuense. Essa festa se constitui, além de um local de descontração, de relaxamento, como também um ato político, onde se fazem alianças para manutenção das terras e, por via desta, é possível “a festa criar ou reforçar a identidade” (TEXEIRA, 2011, p.05) e foi um dos meios pelos quais os Barros alcançam a certificação étnica como quilombola, provando que antes do Estado se preocupar com eles, já existia essa coletividade a partir do circuito de festa na região do Pratigi onde todas as comunidades se visitam durante o ano, já que segundo meu diário de campo, essas festas são seculares.

Por outro lado, “a festa, não está subsumida a uma totalidade que a precede [...]” (FILHO, PETRÔNIO e CARDOSO, 2018, p.114), a festa é livre para tomar os rumos baseados nas emoções e em sentimentos dos envolvidos nela, às vezes, fazem-se amizades, outras vezes inimigos, visto que nas festas os sentimentos são ativados, seja os bons como: amizade, amor, a solidariedade, etc., mas também, os maus, como: maus afetos, o ódio, a vingança, as disputas, dentre outros.

Outro dado a notar, de não menor importância, diz respeito ao fato de que todos os organizadores da festa religiosa e profana, são parentes diretos dos Barros. Não há desligamento das lutas de interesses familiares e, nesse ponto, a festa tanto religiosa quanto profana estão conectadas, visto que todos, ao final, são tios, irmão, primos, etc. Por essa via, a festa de Santo Antônio nos revela “um mapa das relações de parentesco” (COMEFORD, 2003, p.33). Mas, esse mapa transcende a relação de parentesco, como também das relações intercomunitárias, visto que se pode observar as amizades e os compadrios dos Barros com famílias de outras comunidades vizinhas.

### **Considerações finais**

A comunidade quilombola do Pratigi foi fundada no início do século XX por negros da família Barros que fugiram do sistema colonial e escravista no Brasil. A história da família, segundo o lembrado no Pratigi, “começa” com o ataque ao quilombo no Sul da Bahia e, ao saírem fugidos, levam com eles uma imagem de Santo Antônio, que segundo as pesquisas de Barros e Carneiro (2022) se configura como uma herança pertencente as mulheres do Pratigi. Nessa fuga, os Barros passam por vários percalços, mas nunca deixam o Santo de lado. Um bom exemplo disso: quando tentam matar a família e na fuga esquecem do Santo, mesmo em perigo de morte, retornam para recuperar a imagem.

Antes de comprar o Pratigi, segundo relatos dos pratigienses, Anjo Barros, tido pelos Barros como um dos fundadores do Pratigi, fez uma promessa, alguns dizem que foi perante a igreja apostólica romana, enquanto outros afirmam ter sido em terreiro de candomblé, que, se ele comprasse as terras do Pratigi, todos os anos haveria festa na comunidade dedicada ao santo. Após a compra do Pratigi, os Barros fizeram a primeira, das três igrejas que já existiram na comunidade, com o intuito de prestigiar o Santo Antônio e, assim, fizeram a primeira festa.

Tudo aponta que as mulheres quilombolas do Pratigi são as donas do santo, ou seja, essa herança é sempre passada para alguma mulher. Sobre esse ponto, Barros (2021) e Carneiro e Barros (2022) falam que no Pratigi, as mulheres são as responsáveis por cuidar do Santo e da igreja e, assim, “as mulheres quilombolas assumem papéis significantes para a manutenção da luta” (SILVA, 2020, p.53). Por esse raciocínio, se as mulheres do Pratigi tomam conta do santo e da igreja, então essas mulheres exercem grandes responsabilidades no quilombo do Pratigi, lembrem-se que a terra foi agenciada aos Barros sob a promessa ao Santo Antônio de sempre cuidar e fazer a festa dele, ou seja, a quebra dessa promessa coloca em cheque toda a sobrevivência dos Barros.

Com base nas ideias apresentadas nessa pesquisa, cheguei à conclusão que a festa de Santo Antônio é, sim um evento, como coloca Filho, Petrônio e Cardoso (2018), que significa e (re) significa as relações sócio territoriais da comunidade. Essas relações na comunidade quilombola do Pratigi são mobilizadas através da festa que ocorre no quilombo dedicado a Santo Antônio. As relações tecidas com os políticos partidários mediante todo processo festivo: o almoço, o beber, os cafezinhos nas casas, os batizados, e entre outros pontos, existem por essas vias, as negociações feitas com os chefes de família locais, os presidentes de associações das comunidades vizinhas e, entre outras lideranças.

Outra forma de fazer essa tessitura são as relações dos nativos com os candidatos a prefeito, que por essa via, muitas vezes, se tornam representante deste na comunidade, o cabo eleitora. Isso é geralmente feito a partir de convites para almoços nas suas residências no quilombo e entregas de presentes (siri, caranguejo, camarão, frutas) aos políticos partidários. Esse tipo de relação promove respeito perante a comunidade tanto para o cabo eleitoral quanto para políticos, candidatos e o atual prefeito. Portanto, a festa é um fenômeno que não se estanca somente na diversão, no gozo, na violência, mas se expande para várias negociações políticas na comunidade quilombola do Pratigi e isso se faz de total importância para a defesa territorial do quilombo.

**Referências:**

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMARAL, Rita. Para uma antropologia da festa: questões metodológicas-organizativas do campo festivo brasileiro. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Gramond, 2012. p. 67-87.

ALVES, Isidoro. **A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. Estudos avançados, v.19.n, 54, p. 315-332, 2005.

BARROS, F.J.L. **Memória, festa de Santo, território e alianças políticas: Uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA)**. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), 2021. 188p. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade). Universidade Federal do Sul da Bahia.

Bezerra, Marcos Otávio. **Em nome das "bases": política, favor e dependência pessoal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

CARNEIRO, Ana. **O povo parente dos Buracos: sistema de prosa e mexida de cozinha**. - Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

CARNEIRO, Ana; BARROS, Fábio. O Santo Antônio e as mulheres: fé e liderança política na comunidade quilombola do Pratigi (BA). In: ALMEIDA, C.S.de; ARAÚJO, Marília Martins (ORG.). **Mulheres, resistências e direitos fundamentais**. Foz do Iguaçu, PR: CLAEC e-Books, 2022. p. 55-67.

CALVALCANTE, Ronaldo Bentes; COSTA, Aparecida. Catolicismo popular em Parintins: rupturas e permanências. **Somanlu**, ano 19, n. 1. jan/jun. 2019.

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da política: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis/ MG)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.171 p.

COMEFORD, John Cunha. **Como uma família: sociabilidade, território de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

CORRÊA, Rosimay. **Festa de Santo: o pagamento de promessas em Parintins-AM**. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2011. 109 p. Dissertação (Mestrado Pós Graduação em Sociologia). Universidade Federal do Amazonas, 2011.

FILHO, Petrônio M.L; CARDOSO, L.F.C; ALENCAR, Edna. Festas de santo, território e alianças políticas entre comunidades quilombolas de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 13, n. 1, p. 109-128, jan.-abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v13n1/1981-8122-bgoeldi-13-1-0109.pdf>. Acessado em: 15/08/2023.

PALMEIRA, M; HEREDIA, M, Beatriz. **Política Ambígua**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2010.

RODRIGUES, Donizete; HEINEN, Ingrid. O Devoto e a Santa: o círio de Nossa Senhora

das Graças numa comunidade quilombola paraense. **ANTHROPOLÓGICAS**. V.30, n.2, p.174-202, 2019.

PEREIRA, Luzimar Paulo. Promessa, consideração e trato nas festas de folia em Urucuia-MG. **ANTROPOLÍTICA**, Niterói, n. 31, p. 97-122, 2011.

SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio dos. Voltando para a “origem”? Considerações sobre o campo entre parentes e os “segredos de família” **Revista Calundu** –Vol.4, N.2, 2020.

SILVA, Givânia Maria da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existência negra e feminina**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

TEIXEIRA, Joaquim de Souza. **Festa e identidade**. Cavilhão: Artigos lusofia, 2011.